



Nara e a bossa

Gravação esquecida da cantora em fita cassete por cerca de 50 anos é restaurada no álbum 'A Bossa Rara de Nara', já nas plataformas digitais

AFFONSO NUNES Uma faxina rotineira e despretensiosa num estúdio de gravações revelou um tesouro musical que se acreditava perdido. Ao revisar o conteúdo de antigos armários no espaço que divide com Roberto Menescal, o produtor Raymundo Bittencourt se deparou com uma fita cassete empoeirada, rotulada apenas com o nome “Nara”. O pressentimento logo se confirmou: eram gravações inéditas de Nara Leão, a musa da bossa nova, interpretando alguns dos maiores clássicos do movimento que revolucionou a música brasileira nos anos 1950 e 1960. Esse material, estimado em cerca de 50 anos de idade, acaba de ganhar vida nova no álbum “A Bossa Rara de Nara Leão”, disponibilizado pela Universal Music Brasil nas plataformas de streaming. **Continua na página seguinte**

A voz suave que fez muito barulho

A descoberta aconteceu quase por acaso. “Eu e meu assistente decidimos ver um monte de coisas que estavam nos armários. Fita cassete velha, DAT, fitas de duas polegadas. Não tem mais nem onde tocar isso. O Marquinho achou uma fita, rotulada como ‘Nara’. Bom, a única Nara que eu conheço é a Nara Leão. Vamos dar uma ouvida”, recorda Bittencourt. Dela surgiu a voz inconfundível da cantora com um violão quase inaudível ao fundo. Era uma fita-guia, usada para de base para gravações mais elaboradas. Mas a fita estava em péssimo estado de conservação. “Nós pegamos as faixas que estavam melhores. Foi uma trabalhadeira para equalizar”, comenta o produtor, que nunca trabalhou diretamente com Nara, diferentemente de Menescal, que fez inúmeros discos e shows com ela ao longo da carreira.

Curiosamente, nem mesmo o veterano músico lendário violonista tem registro da origem exata dessas gravações. “Pelo que o Menescal me falou, deve ser de alguma coisa que ele estava produzindo. Uma sessão de músicas que a Nara gravou em outros projetos. Não temos referência nenhuma, de quando, onde e como o material foi gravado. Se o Menescal não sabe, eu muito menos”, brinca o produtor.

Nascida em 1942 no seio da burguesia de Copacabana, Nara fez de seu apartamento uma espécie de quartel-general da bossa nova no final dos anos 1950, onde João Gilberto, Tom Jobim, Vinícius de Moraes, Carlos Lyra e tantos outros se reuniam para criar o novo som. Mas sua importância vai muito além de anfitriã do movimento. Foi pioneira ao romper com o padrão vocal vigente, adotando uma voz suave, intimista e despojada que encarnava a proposta minimalista daquele som que seria batizado como bossa nova. Seu álbum de estreia, “Nara”, de 1964, já demonstrava outro traço vanguardista: a abertura para compositores de origem popular como Zé Kéti, Cartola e Nelson Cavaquinho, aproximando a bossa da classe média carioca e o samba dos morros. Foi ainda a estrela do musical “Opinião”, um marco da resistência cultural contra a recém-implantada ditadura militar.

Nos anos seguintes, Nara radicalizaria ainda mais, tornando-se uma das principais vozes da canção de protesto contra o regime dos generais, gravando músicos nordes-

Fotos/Reprodução



Nara Leão surge como voz feminina da bossa nova mas inova ao longo da carreira



A cantora rompeu com escola que ajudou a fundar e abraçou outros estilos musicais

tinios como Edu Lobo e Geraldo Vandré e participando ativamente dos festivais da Record.

Seu vanguardismo estava também na escolha de repertório eclético, do samba de raiz ao rock, passando pelo tropicalismo e pela MPB engajada, sempre com extremo bom gosto e refinamento estético.

Morta prematuramente em 1989, aos 47 anos, Nara deixou um legado de coragem artística e inquietação criativa.

O trabalho de restauro foi minucioso e demorado. “Eu só tinha voz e um violão longe, que você não consegue ouvir direito. Demorou quase uma semana para limpar o

som”, conta. A partir daí, o produtor criou novos arranjos e reuniu uma banda de músicos de sua confiança: Diógenes de Souza (baixo), Leandro Freixo (teclados e flauta) e João Cortez (bateria), além do próprio Bittencourt ao violão. “Esse pessoal trabalha comigo há bastante tempo, pelo menos há uns dez

anos. São excelentes. Não é um pessoal que chega, toca, pega o dinheiro e vai embora. Eles gostam de tocar, gostam do que eu faço e querem participar. O Diógenes me ajuda a escrever os arranjos, porque sou autodidata”, destaca o produtor. Menescal fez questão de participar do projeto gravando sutis vocais em duas faixas: “Chega de Saudade” e “O Barquinho”.

O repertório é uma aula de história da bossa nova e surpreende porque sinalizava uma reaproximação da cantora com o movimento. O primeiro single escolhido foi “Chega de Saudade”, de Tom Jobim e Vinícius de Moraes, lançado em 19 de janeiro, aniversário de Nara. A canção, imortalizada por João Gilberto em 1958 num 78 rotações que inaugurou um novo estilo de canto e acompanhamento, é considerada o marco inicial do movimento. Entre as outras sete faixas, destacam-se “Manhã de Carnaval” (Luiz Bonfá e Antonio Maria), que ganhou o mundo na trilha sonora de “Orfeu Negro” em 1959, e “O Barquinho” (parceria de Menescal com Ronaldo Bôscoli, ex-namorado de Nara), cuja versão agora descoberta soa mais suave e solar que a célebre interpretação de Maysa em 1961.

Há também “Você e Eu”, clássico de Vinícius de Moraes e Carlos Lyra de 1961, música em que Nara estreou como cantora no disco “Depois do Carnaval”, de Lyra, em 1963. O padrinho musical ajudaria Nara de forma intensa no ano seguinte, quando ela gravou seu álbum de estreia, “Nara”, pela Elenco. Desse disco vem outra pérola do novo álbum: “Diz que Fui por Ai”, samba de Zé Kéti que Nara transformou em bossa nova em sua versão original. Completam o repertório “Tristeza de Nós Dois” (Durval Ferreira, Maurício Einhorn e Bebeto Castilho), de 1960, e duas joias de Tom Jobim: “Fotografia”, lançada por Sylvia Telles em 1959 e regravada por Nara em dueto com o próprio maestro em 1977, e “Wave”, composta instrumentalmente em 1967 e depois ganhando letra em português que Tom desenvolveu a partir de um único verso enviado por Chico Buarque.

“Tentei atrapalhar em nada ela cantando, fiz apenas um acompanhamento”, reconhece o produtor. O resultado é um álbum que traz de volta a voz ímpar de uma das nossas vozes mais queridas numa feliz reconciliação com o movimento que a revelou para o mundo.



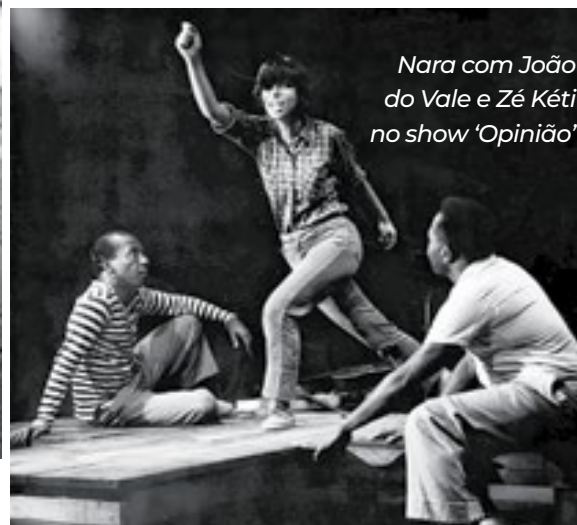
Divulgação



Nara Leão e Roberto Menescal em imagem dos anos 1970



Nara com Chico Buarque



Nara com João do Vale e Zé Kéti no show 'Opinião'

Pérola wisnikiana com a grife dos Veloso

Parceria entre Caetano e Tom registra a lindíssima ‘Mais Simples’, que integra projeto do compositor e ensaísta com diferentes intérpretes

AFFONSO NUNES

Trinta anos após o desejo inicial, Caetano Veloso finalmente grava “Mais Simples”, canção de José Miguel Wisnik que o sensibilizou desde o primeiro momento em que a ouviu nos anos 1990. O single, registrado em parceria com o filho Tom Veloso ao violão, integra um novo projeto do compositor paulista que será lançado este ano, reunindo diferentes intérpretes em suas composições. A gravação representa o reencontro de Caetano com uma música que marcou época na voz de Zizi



Divulgação

Caetano e Tom Veloso regravam canção que foi sucesso na voz de Zizi Possi

Possi, que deu nome a um disco inteiro em 1996.

Paulista de São Vicente, Wisnik construiu uma trajetória singular na cena musical. Professor aposentado de literatura brasileira pela Universidade de São Paulo, pianista, compositor e ensaísta, o artista transita com maestria entre a reflexão teórica e a criação artística. Autor de obras fundamentais como “O Som e o Sentido” e “Veneno Remédio: O Futebol e o Brasil”, ele mantém um diálogo permanente

entre música e literatura, tendo colaborado com nomes centrais da MPB ao longo de décadas.

“Mais Simples” surgiu originalmente no álbum de estreia de Wisnik em 1993, gravada em parceria com Ná Ozzetti. Seus versos que exploram a complexidade do amor (“É sobre-humano amar/ cê sabe muito bem/ É sobre-humano amar sentir doer/ Gozar/ Ser

feliz”). A composição ganhou notoriedade na interpretação de Zizi Possi três anos depois. Quando Caetano pensou em registrá-la nos anos 1990, a ideia acabou adiada. Décadas depois, o próprio Wisnik convidou o baiano para concretizar o antigo desejo, inaugurando o projeto que revisita seu magnífico cancionário.

“Muito bom poder ter gravado ‘Mais simples’. Uma canção que adoro desde que ouvi pela primeira vez, uma canção única. O violão de

“A gravação veio afinal quando tinha que ser... por uma conjunção, difícil de esumir, de desejos, de pessoas e dos astros”

ZÉ MIGUEL WISNIK

Tom me deslumbrou. Ele nem sabe quanto. Acho que isso aconteceu porque Zé Miguel é um santo da música”, abençoa Caetano. A gravação, realizada no segundo semestre de 2025 no estúdio da casa do cantor, contou com produção de Lucas Nunes. A intimidade musical entre pai e filho reverencia esta bela canção através de uma interpretação despojada e profunda.

“A gravação veio afinal quando tinha que ser... por uma conjunção, difícil de resumir, de desejos, de pessoas e dos astros”, afirma o compositor. “Fico sem palavras ao ouvir essa interpretação, mas confesso que não sinto necessidade delas. Pois foi o próprio indizível que compareceu, e disse tudo”, acrescenta, classificando a versão como expressiva e definitiva. O autor reconhece na interpretação de Caetano e Tom a extração do “sumo essencial” da canção, aquilo que transcende as palavras e toca o território da emoção pura.

UNIVERSO SINGLE

POR AFFONSO NUNES



Divulgação

Um carioca que canta SP

Juliano Juba lança “Brás”, single que homenageia São Paulo em ritmo de samba rock. Carioca radicado na capital paulista, o músico celebra a diversidade cultural da metrópole. A faixa integra uma trilogia sobre a cidade, iniciada com “Carioca de Sampa” (2013) e seguida por “Nheengatu” (2025). O single chega enquanto o artista prepara o álbum “Cumbuca”, previsto para 2026, trabalho que reflete fé, ancestralidade e raízes afro-brasileiras. Com mais de 20 anos de carreira, Juba tem trabalhos na música e no audiovisual.



João Nóbrega/Divulgação

Influência country

A dupla sertaneja Felipe e Rodrigo lança “Velhos Hábitos em Nashville (Deluxe)”, projeto gravado na capital mundial do country com três canções sobre relacionamentos. Com produção dos estadunidenses Sol Philcox-Littlefield e Richard Martin, o trabalho conta com músicos internacionais renomados. A faixa-foco “Esquina”, composição da dupla com Quexin e Victor Reis, conquistou mais de 38 mil criações no TikTok. O videoclipe mostra bastidores da gravação em Nashville e já está disponível.



Divulgação

Cartão de visitas

Chet Faker, projeto do cantor e compositor australiano Nick Murphy, lança o single “Over You” com videoclipe. A faixa antecede o álbum “A Love For Strangers”, com lançamento previsto para 13 de fevereiro no digital e 24 de abril em formato físico pela BMG. A canção aborda o término de um relacionamento com produção que mescla melancolia e elementos eletrônicos. O artista, que se apresentou no festival Rock the Mountain em novembro, segue fortalecendo sua relação com o público brasileiro.



Gerais de Saraceni

Homenageado na abertura de Tiradentes há 15 anos com 'O Gerente', que segue inédito desde então, diretor carioca que foi craque do Fluminense segue inspirando invenções



Ao Sul do Meu Corpo

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Ao abrir a sua 29ª edição com um experimento do transgressor profissional Júlio Bressane (o curta "O Fantasma da Ópera"), a Mostra de Tiradentes bate cabeça para o cinema de invenção, uma vertente histórica do audiovisual no país que o festival mineiro já havia acolhido em suas cerimônias de inauguração no passado quando exibiu "O Gerente", em 2011. Lá se vão 15 anos desde a sessão de gala desse longa-metragem, que foi o canto de cisne do carioca Paulo César Saraceni (1932-2012) - reconhecido entre as inspirações de Bressane.

Sem pedir licença à nossa saudade, Saraceni morreu há 14 anos, deixando em seu legado cults como "O Desafio" (1965) e "A Casa Assassina" (1970), que escreveram seu nome no panteão de excelência de nossa produção cinematográfica. Apesar disso, seu trabalho de despedida limitou-se a passar pela maratona das Gerais e por cinematecas, sem jamais encontrar lar no circuito exibidor.

Em 2023, o Festival de Petrópolis, prestou uma homenagem póstuma ao realizador, exibindo "O Viajante" (1998), "Arraial do Cabo", de 1959 (curta que foi laureado com o Prêmio Henri Langlois da Cinemateca Francesa), e "Ao Sul do Meu Corpo", que foi exibido na Berlinale em 1983. Berlim se encantou com

“ Pouco antes de morrer, Glauber foi ao cinema comigo, ver 'Gigolô Americano'. Ele virou para mim e perguntou: 'Você sabe filmar como os americanos?' ”

PAULO SARACENI

essa versão lúdica do conto "Duas Vezes Com Helena", escrito pelo crítico Paulo Emílio Sales Gomes (1916-1977), no livro "Três Mulheres de Três Ppês".

A iniciativa de prestigiar Saraceni e rever sua obra magistral celebrou a programação de Petrópolis tal como Tiradentes ampliou seu prestígio cinéfilo ao apresentar "O Gerente" em tela grande.

Estrela nos gramados nos anos 1950, quando jogava (com o gáudio de ser tricolor) pela escrete juvenil do Fluminense, Saraceni injetou lirismo nas veias do Cinema Novo. Passeou por Cannes em 1969, com "Capitu", e esteve por lá de novo em 1988 com "Natal da Portela", na



Paulo César Saraceni trocou o futebol pelo cinema após assistir 'Ouro e Maldição', de Erich von Stroheim, e rodou seu primeiro longa em 1962



Gerente

Quinzena de Cineastas. "Só na liberdade é possível fazer um cinema diferente", dizia o artesão autoral tricolor de coração.

No auge de sua performance futebolística, Saraceni resolveu virar cineasta após ter assistido a uma sessão de "Greed" ("Ouro e Maldição" no Brasil), de Erich von Stroheim. Entre 1962, quando rodou seu primeiro longa ("Porto das Caixas"), e 2011, ano de "O Gerente", derradeiro trabalho de sua vida, o diretor dedicou-se a filmar produções pautadas pelo lirismo. Uma das mais tocantes é o documentário "Banda de Ipanema — Folia de Albino" (2003). Na Retomada, Saraceni só teve chance de emplacar uma ficção: o já citado "O Viajante", que lhe rendeu uma menção especial da Federação Internacional de Imprensa Cinematográfica (Fipresci) no Festival de Moscou, em 1999.

Recentemente, a loja virtual Amazon incluiu em seu catálogo o livro "Por Dentro do Cinema Novo", em que Saraceni passa em revista as lembranças da construção da narrativa moderna nos sets deste país. Criou polêmica com seu texto mordaz, mas assegurou à nossa literatura memorialista uma pérola na recriação do Brasil dos anos 1960.

Com recorrência, o nome de Saraceni reabre uma controvérsia histórica em torno da frase "Uma câmera na mão, uma ideia na cabeça". Embora seja atribuída a Glauber Rocha (1939-1981), ela teria sido cunhada por Paulo Cezar. Mas o que de fato importava entre eles era a amizade, como ele disse ao Globo, em 2010, num dia de jogo da Copa do Mundo. "A morte do Glauber me dói todo dia. Pouco antes de morrer, em 1980, Glauber foi ao cinema comigo, ver 'Gigolô Americano', do Paul Schrader, com Richard Gere. Quando a sessão acabou, ele virou para mim e perguntou: 'Paulo Cezar, você sabe fazer isso aí? Sabe filmar como os americanos estão filmando?' E eu: 'Não.' Aí ele disse: 'Então, Paulo Cezar, você está fodido.' Acho que ele estava certo".

No início dos anos 2000, a Versátil prensou em DVD seu magistral épico existencialista "Anchieta, José do Brasil" (1977), que arranca de Ney Latorraca (1944-2024) uma das atuações mais radicais de nosso cinema. Ovacionado em Tiradentes, "O Gerente" tem o já citado Latorraca numa trama baseada em Carlos Drumond de Andrade (1902-1987). O Bardo de Itabora era um dos vetores líricos de Paulo Cezar, assim como o compositor Lupicínio Rodrigues (1914-1974). "O segredo de se filmar o amor é a dignidade", dizia Saraceni. "Rossellini ensinou o cinema a ser digno".

A Mostra de Tiradentes segue até sábado, quando promove uma sessão de "O Agente Secreto" na esteira do Oscar. Antes de anunciar os ganhadores de suas competições, em especial a seção Aurora, o evento exibe, como filme de encerramento, "Copacabana, 4 de Maio", de Allan Ribeiro, sobre o show de Madonna no Rio.

ENTREVISTA | JURA CAPELA

CINEASTA

‘Em Zé Celso, o teatro é rito, é transe, é celebração do corpo e da palavra’

RODRIGO FONSECA | Especial para o Correio da Manhã

Exibido num sábado de chuva nas Gerais, “Palco-Cama” trouxe saudade na Mostra de Tiradentes ao invocar o orixá José Celso Martinez Corrêa (1937-2023). No mais engenhoso documentário exibido pelo festival mineiro, em seus primeiros dias de programação, o realizador pernambucano Jura Capela, diretor de “Jardim Atlântico” (2012), mantém-se fiel ao seu empenho de espatifar o que há de informativo nos registros de arquivo e catar a dimensão sinestésica (sensorial) do que resgata ou do que enquadra. Driblando amarras biográficas, Jura mergulha na intimidade do encenador que fez do Teatro Oficina, em São Paulo, um terreiro de resistência para a invenção nas artes cênicas. Filmado em seu quarto, o diretor teatral transformou a alcova em ribalta e revisitou a gênese de suas peças em uma entrevista performática. Realizador de uma devastadora versão do rodriguiano “A Serpente” (2016) para as telas, Jura registra o material bruto da conversa, segundo a segundo. Zé Celso encena, reflete e se entrega diante da câmera. A montagem de Rodrigo Lima, a quatro mãos com o cineasta, revela camadas de sentido embriagadoras.

No papo a seguir, jura bate cabeça para o mito dos palcos que encenou “Os Sertões” num épico dionisiaco no início dos anos 2000.

O que Zé Celso representou para a construção do seu olhar de artista e de que forma a mistura de encenação e religião em seu teatro serviram de baliza para o seu trabalho, para o seu amor pela cultura?

Jura Capela - Zé Celso é um dos maiores criadores e pensadores da arte no Brasil. A primeira vez que o vi em cena foi imediatamente perceptível a sua grandiosidade — não apenas como encenador, mas como força vital. Seu pensamento e sua presença rompem barreiras da nossa própria existência, deslocando o espectador de um lugar confortável para um estado de expansão e risco. A mistura radical entre encenação e religião em seu teatro sempre funcionou para mim como uma baliza ética e estética. Em Zé Celso, o teatro é rito, é transe, é celebração do corpo e da palavra como atos de liberdade. Essa dimensão sagrada não está ligada à fé institucional, mas a uma espiritualidade da vida, do desejo, da coletividade e da invenção. Seu trabalho provoca uma ruptura com o cotidiano pequeno, normativo e domesticado, encorajando todos a se lançarem em voos mais largos e generosos da experiência humana. Essa abertura para o excesso, para o delírio, para o político e para o amor à cultura brasileira atravessa profundamente o meu olhar

de artista, reafirmando o fazer artístico como um gesto de liberdade, de resistência e de comunhão.

Cada filme seu que olha para o passado aborda imagens de arquivo como se fossem uma gira, despedaçando signos em busca de sinestesia. Como ocorre essa operação sinestésica?

O meu trabalho com arquivos nasce de uma relação ritual com a memória. Cada filme que olha para o passado não parte da ideia de documento fixo ou de signo fechado, mas do arquivo como corpo vivo — algo que pode ser girado, atravessado, despedaçado e (re)encantado. Por isso, penso essa operação como uma gira: um movimento circular em que imagens, sons, vozes e tempos distintos se chocam, contaminam-se, produzem novas camadas de sentido. Em todos esses trabalhos, o arquivo deixa de ser um lugar de conservação para se tornar um espaço de transe. É nesse estado de fricção entre tempos, sentidos e afetos que meu cinema se constrói: como um ritual de escuta, montagem e reinvenção da memória.

De que forma o “seu” Zé Celso, o que vemos, é um personagem que ganha autonomia a partir dos seus afetos por ele... da sua



saudade?

O Zé Celso que aparece no filme não é um retrato biográfico nem uma tentativa de síntese de quem ele foi. É um personagem que nasce do afeto, da convivência, da escuta e, sobretudo, da saudade. Um Zé Celso atravessado pelo meu olhar, pelas minhas memórias e pelo impacto que ele teve na minha formação artística e humana. Esse personagem ganha autonomia justamente porque não busca representar o “real” no sentido documental clássico. Ele se constrói a partir dos encontros, das palavras ditas e dos silêncios, do corpo em cena, da energia vital que ele irradiava. A câmera não observa de fora: ela participa, deixa-se contaminar. O resultado é um Zé Celso que se move entre presença e ausência, entre vida

e permanência. A saudade, nesse sentido, não é um gesto melancólico, mas uma força criativa. É ela que ativa o filme, que transforma a memória em ação, o arquivo em corpo, o passado em acontecimento. O “meu” Zé Celso não pretende ser definitivo ou explicativo — ele existe como experiência sensível, como entidade cinematográfica que continua a agir, provocar e desejar. O que vemos é menos um registro e mais uma invocação. Um personagem que ganha vida própria por nascer do amor, do risco, da necessidade de manter o encontro aberto no tempo.

Qual é o Nordeste da tua origem... da tua gira?

Eu nasci no Recife, em 1976, e fui criado em Olinda. Esse território

— marcado pela presença do carnaval, das religiões de matriz africana, da música, da rua e da oralidade — formou desde cedo a minha percepção de mundo. Em 2026 completo 50 anos, e olhar para trás, hoje, é também revisitar uma trajetória atravessada por gestos coletivos, experiências sensoriais e um desejo constante de experimentação. Comecei a fazer cinema em 1996, integrando o grupo Telephone Colorido, um coletivo de cinema e vídeo onde se defendia que o processo era tão importante quanto a obra final. Nesse período realizamos diversos filmes em 16mm, como “Resgate Cultural” (2001) e “A Figueira do Inferno” (2002), experiências que já traziam uma relação física e artesanal com a imagem, com o grão, com o som e com o tempo.

Divulgação

CORREIO CULTURAL



Wagner Moura e Tânia Maria em 'O Agente Secreto'

Djavan é o campeão da MPB no streaming

Djavan completou 77 anos nesta terça-feira (27) consolidado como o artista de MPB mais ouvido no streaming por dois anos consecutivos, com mais de 3 bilhões de reproduções ao longo da carreira. Para celebrar cinco décadas na música, o cantor e compositor alagoano lançou a edição em vinil duplo de "Improviso", álbum disponibilizado digitalmente em novembro de 2025 pela Luanda

Records/Sony Music.

A versão física, produzida pela Rocinante, traz LP duplo de 180g em marfim, capa gatefold, conceito visual de Giovanni Bianco e fotos do duo Mar+Vin. Em maio, estreia a turnê mundial "Djavanear – 50 Anos. Só Sucessos", com shows na Europa, Américas e outros continentes. Vencedor de quatro Grammy Latino em 13 indicações, Djavan mantém sua relevância

O cineasta que já foi 'baixinho'

O cineasta Daniel Gonçalves participa da série Disconcertos nesta quarta-feira (28), às 19h, no Futuros – Arte e Tecnologia, Flamengo, com entrada franca. Ele escolheu o LP "Xuxa 5", lançado em fevereiro de 1991, como disco marcante de sua trajetória. A obra está ligada às memórias de infância do cineasta, que cresceu assistindo à apresentadora e viveu momentos significativos embalados pelas canções do álbum. Criada pelo jornalista Dodô Azevedo, a série recebe personalidades das artes para eleger discos da música brasileira.

'Paloma', a série

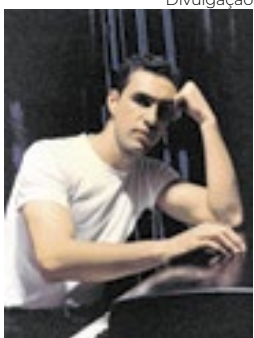
A série "Paloma" estreia no Canal Brasil nesta quinta (29), às 22h, com exibição de um episódio por semana. Dirigida por Maria Clara Escobar e Marcelo Gomes, a produção expande o universo do longa "Paloma" (2022), dirigido por Gomes e protagonizado pela atriz trans Kika Sena.

'Paloma', a série II

Na série, Paloma é uma mulher trans que enfrenta o risco de perder a guarda da filha, Jenifer, de 13 anos. Em busca de estabilidade financeira, ela assume diferentes trabalhos enquanto lida com conflitos familiares, disputas judiciais e a violência estrutural que atravessa seu cotidiano.

Zeca Veloso abre o Queremos! 2026

Zeca Veloso apresenta o primeiro show da turnê "Boas Novas" no Queremos! Festival, no dia 4 de abril, no Teatro Carlos Gomes. A apresentação marca a estreia nacional do espetáculo e traz canções do álbum de mesmo nome, lançado em 2025. É a primeira vez que o cantor e compositor se apresenta com banda completa, formada por sete músicos.



Divulgação



Wagner Moura e Tânia Maria em 'O Agente Secreto'

'O Agente Secreto' recebe duas indicações ao Bafta

Filme de Kleber Mendonça Filho concorre em roteiro original e filme estrangeiro na principal premiação do cinema do Reino Unido

AFFONSO NUNES

Em sua caminhada rumo ao Oscar, "O Agente Secreto" recebeu duas indicações ao Bafta, a mais importante premiação cinematográfica do Reino Unido. O longa brasileiro figura entre os concorrentes às categorias de melhor filme em língua estrangeira e melhor roteiro original, reforçando o momento especial que vive nas premiações internacionais. A indicação em roteiro celebra o trabalho do próprio Kleber Mendonça Filho, que assina sozinho o texto da produção.

O anúncio das indicações para a 79ª edição do Bafta foi transmitido ao vivo pelo YouTube, revelando um quadro competitivo em que

o Brasil marca presença em diferentes frentes. Além de "O Agente Secreto", a cineasta Petra Costa recebeu indicação na categoria de melhor documentário com "Apocalipse nos Trópicos", enquanto o diretor de fotografia Adolpho Veloso aparece na disputa técnica com "Sonhos de Trem".

As recentes indicações ao Oscar tiveram impacto direto na bilheteria de "O Agente Secreto", que já alcançou a marca de 1,7 milhão de pagantes no Brasil, segundo dados da Comscore, o longa alcançou 1,7 milhão de espectadores nos cinemas brasileiros. No ranking nacional de público, "Zootopia 2" mantém a liderança, com pouco mais de 6 milhões de espectadores, seguida por "Avatar: Fogo e Cinzas", que soma 5,2 milhões de ingressos vendidos.

"O Agente Secreto" fez história na premiação norte-americana ao conquistar quatro nomeações, incluindo uma inédita para Wagner Moura na categoria de melhor ator. No Bafta, porém, Moura não aparece entre os pré-selecionados, assim como o filme ficou de fora da categoria de direção de elenco, justamente uma das indicações conquistadas no Oscar.

Na disputa de filme em língua estrangeira, "O Agente Secreto" enfrenta uma seleção internacional variada, com o franco-iraniense "Foi Apenas um Acidente", o norueguês "Valor Sentimental", o espanhol "Sirâr" e o tunisiano "A Voz de Hind Rajab". Já em roteiro original, a competição reúne títulos como "Marty Supreme", "Valor Sentimental", "I Swear" e "Pecadores", este último um dos grandes destaques da temporada.

A edição deste ano do Bafta tem como grande recordista "Uma Batalha Após a Outra", que arrematou 14 indicações no total, seguido por "Pecadores", com 13 nomeações. O filme de Ryan Coogler tornou-se o título com maior número de indicações ao Oscar na história recente, o que o coloca como um dos favoritos também no circuito britânico. Entre as principais categorias do Bafta, a disputa de melhor filme reúne "Pecadores", "Hamnet", "Uma Batalha Após a Outra", "Valor Sentimental" e "Marty Supreme", todos títulos que dominam a temporada de premiações.

O histórico brasileiro recente no Bafta inclui "Ainda Estou Aqui", de Walter Salles, que concorreu no ano passado mas acabou derrotado pelo francês "Emilia Pérez". A nova indicação de "O Agente Secreto" renova as expectativas do cinema nacional na premiação britânica, especialmente após o desempenho expressivo no Oscar.

Mestre Ciça,

um enredo vivo e atuante

Unidos do Viradouro faz da trajetória de um dos maiores mestres de bateria do carnaval a história a ser contada na avenida

RAFAEL LIMA

Especial para o Correio da Manhã

A Unidos do Viradouro escolheu olhar para dentro de sua própria essência para o Carnaval 2026. A vermelha e branca de Niterói levará para a avenida uma homenagem histórica a Mestre Ciça, um dos maiores nomes da bateria do carnaval brasileiro, transformando sua trajetória de vida, resistência e dedicação ao samba no enredo que promete emocionar público e jurados. Em um momento especial do carnaval, a escola celebra um sambista vivo, ativo e pulsante na construção do espetáculo que ajuda a erguer há décadas.

Com 38 anos ininterruptos à frente de baterias do Grupo Especial, Mestre Ciça construiu uma carreira marcada por regularidade, excelência e respeito. A Viradouro aposta na força simbólica dessa história para reafirmar sua identidade como uma escola que valoriza seus pilares humanos, artísticos e culturais.

Ao falar sobre a emoção de se tornar enredo, o mestre não esconde o impacto do reconhecimento. “Me sinto muito orgulhoso de estar sendo enredo do maior carnaval do mundo, na Unidos do Viradouro. Ver a minha história ser contada, um sambista vivo, isso me orgulha muito. Eu estou vivendo um momento único da minha vida e estou curtindo bastante esse momento, com responsabilidade. Emoção em cima de emoção, sempre”, disse Ciça ao Correio da Manhã.

A presença de Mestre Ciça no barracão, nos ensaios e no dia a dia da escola ganha novo significado.

“O ritmista tem que ser bem cuidado. Eu sempre falo que ele não quer dinheiro, ele quer ser bem tratado na sua escola”

MESTRE CIÇA

“Cada dia é uma emoção. Eu vou no barracão é uma emoção. Nos ensaios, a emoção. Às vezes eu não encontro nem palavras, mas é de muita emoção”, conta, traduzindo o sentimento que também ecoa entre os ritmistas e segmentos da agremiação.

Ao longo de quase quatro décadas de liderança, Mestre Ciça construiu uma filosofia clara de trabalho, baseada no cuidado humano e no compromisso com quem faz o som da escola pulsar. “Primeiramente, o respeito. São 38 anos à frente de uma bateria, sempre no Grupo Especial, ininterruptos, isso mostra o quanto eu respeito a agremiação e o ritmista. O ritmista tem que ser bem cuidado. Eu sempre falo que ele não quer dinheiro, ele quer ser bem tratado na sua escola”, defende.

Essa filosofia de trabalho ajudou a consolidar nas escolas que passou baterias consistentes, reconhecidas pela cadência, pelo peso e pela disciplina, características que se tornaram marca registrada de seus trabalhos. Na Viradouro,



Mestre Ciça acumula 30 anos ininterruptos comandando baterias de escolas do Grupo Especial

essa relação se fortaleceu e virou um dos alicerces do sucesso recente da escola, que se consolidou como uma potência do carnaval carioca na última década.

Confiante no projeto da escola, Mestre Ciça garante que o público pode esperar um desfile grandioso. “Espera um grande desfile da bateria, da própria Viradouro. A Viradouro fará um grande carnaval. Se tratando de Viradouro, sempre faz grandes

carnavais. É um momento incrível e a escola sabe preparar um belo desfile”, afirmou.

Ao longo de sua história, a Unidos do Viradouro já conquistou três títulos no Carnaval do Rio, sendo campeã em 1997, em 2020 e novamente em 2024 com o enredo “Arroboboi, Dangbé”. Em 2025, encerrou a apuração na quarta colocação, mantendo sua presença consistente entre as principais agremiações da folia.

A homenagem a Mestre Ciça não é apenas um reconhecimento individual, mas um tributo coletivo à bateria, ao ritmista e à cultura do samba como espaço de pertencimento, disciplina e emoção. Em 2026, a Viradouro promete transformar essa história em espetáculo, reafirmando sua força competitiva e, sobretudo, sua capacidade de emocionar ao contar histórias reais, vivas e profundamente ligadas à alma do carnaval.

Filipe Aguiar/Divulgação

Kobra leva a leitura



A parede da Biblioteca Parque recebeu telas que escondem o andamento do trabalho do artista

para os muros do Centro

Recordista mundial com mural na Zona Portuária, artista paulista cria nova obra de 255 m² para parede da Biblioteca Parque Estadual

AFFONSO NUNES

O Centro do Rio de Janeiro ganhará, em breve, nos próximos dias, mais uma obra monumental do grafiteiro Eduardo Kobra. Aos 50 anos, o paulistano iniciou nesta semana a pintura de um mural de 15 por 17 metros (255 m²) na Biblioteca Parque Estadual, equipamento cultural localizado na Avenida Presidente Vargas. A iniciativa integra a campanha “Literatura: do Rio ao RJ”, promovida pela Secretaria de Estado de Cultura e Economia Criativa, e dialoga diretamente durante a vigência do o título de Capital Mundial do Livro, conferido pela Unesco à cidade. A inauguração está prevista para 2 de fevereiro.

O artista, que acumula mais de três décadas de carreira e detém dois recordes mundiais por trabalhos de grandes dimensões, construiu sua trajetória justamente na tensão entre a arte urbana e os espaços públicos. Nascido em 1975 na periferia de São Paulo, Kobra transformou muros e empenas em telas que dialogam com transeuntes de diferentes origens sociais, levando arte para além dos circuitos tradicionais de galerias e museus. Com mais de 500 obras espalhadas pelos cinco continentes, ele se tornou um dos nomes mais reconhecidos da street art mundial, com



Eduardo Kobra em seu atelier: o artista tem inúmeros grafites espalhados pelo mundo

“Pintar uma biblioteca é algo muito inspirador, e eu realmente quero criar algo que convide as pessoas que passam ali, seja de carro, seja vindos da mítica Central do Brasil, que lembre essa gente de todos os cortes sociais que ter um livro na mão é sempre a melhor e mais importante viagem” **EDUARDO KOBRA**

murais em países como Estados Unidos, França, Espanha, Itália, Japão e Índia.

No Rio, Kobra já deixou marcas profundas na paisagem urbana. A mais emblemática delas é o painel “Etnias – Todos Somos Um”, criado em 2016 para os Jogos Olímpicos e instalado no Boulevard Olímpico, na Zona Portuária. Com 3 mil metros quadrados, a obra representa rostos de indígenas dos cinco continentes e entrou para o Guinness Book como o maior grafite do mundo. A técnica característica de Kobra – que combina cores vibrantes, geometrias caledoscópicas e um estilo hiper-realista – transformou aquele trecho da Praça Mauá em um dos pontos mais fotografados da cidade. Mais recentemente, em 2023, o artista prestou homenagem à jornalista Glória Maria com um mural no Parque Municipal que leva seu nome, em Santa Teresa.

O novo trabalho na Biblioteca Parque Estadual ficará localizado na área interna do prédio, no espaço que dá acesso à parte anexa. Durante a execução, os andaimes permanecerão cobertos com telas de TNT, estratégia que mantém o mistério sobre a composição até o dia da inauguração. O tema central, segundo informações da Secretaria

de Cultura, será a leitura – assunto que parece mobilizar o próprio artista de forma especial.

“O Rio é um Estado em que eu tive a honra de criar uma das obras mais marcantes da minha carreira, na zona portuária da capital. Recebi esse convite para criar esse mural no Centro com muito orgulho e muita responsabilidade. Pintar uma Biblioteca Parque Estadual é algo muito inspirador, e eu realmente quero criar algo que convide as pessoas que passam ali, seja de carro, seja vindos da mítica Central do Brasil até a gigantesca Presidente Vargas, enfim, que lembre essa gente de todos os cortes sociais

que ter um livro na mão é sempre a melhor e mais importante viagem”, afirmou Kobra, que é autodidata.

“Receber uma obra de um artista da dimensão do Kobra em um equipamento público tão simbólico como a Biblioteca Parque Estadual reforça o nosso compromisso com a democratização do acesso à cultura e com a valorização do livro e da leitura. Neste ano em que o Rio é Capital Mundial do Livro, essa entrega representa a união entre arte urbana, educação e cidadania, aproximando ainda mais a população dos espaços culturais”, festeja a secretária estadual de Cultura e Economia Criativa, Danielle Barros.

A intervenção de Kobra na Biblioteca Parque Estadual se soma a uma série de ações que a gestão estadual vem promovendo para dar visibilidade ao título de Capital Mundial do Livro, que o Rio detém desde o ano passado. A programação inclui feiras literárias, seminários, oficinas e projetos de incentivo à leitura em comunidades e escolas públicas.